

ORIGEM DO CAPITALISMO: UMA COMPARAÇÃO ENTRE AS ABORDAGENS DE MAX WEBER E WERNER SOMBART

ORIGIN OF CAPITALISM: A COMPARISON BETWEEN MAX WEBER AND WERNER SOMBART APPROACHES

Glaudionor Gomes Barbosa¹

Recebido em: 18 jul. 2008

Aprovado em: 21 mai. 2009

Resumo

O artigo discute as origens do capitalismo numa perspectiva histórico-econômica, através dos enfoques de Weber e Sombart. Utiliza método comparativo, buscando identificar elementos significativos de cada enfoque. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica. Os resultados aceitam a importância das abordagens, mas considera-as prisioneiras de um viés “culturalista”, sendo que no caso de Weber o exclusivismo da ética protestante como causa do espírito capitalista, pode ser considerado como insuficiente dos pontos de vistas metodológico e epistemológico. Já a abordagem de Sombart, além de considerar outras éticas religiosas, acrescenta questões como o desejo de lucro, o espírito de empresa e as virtudes burguesas.

Palavras-chaves: Capitalismo. História. Gênese.

Abstract

The article discusses the origins of the capitalism in historical-economical perspective, through the focuses of Weber and Sombart. Uses comparative method, looking for to identify significant elements of each focus. It is a bibliographical research. The results accept the importance of the approaches, but it considers them prisoners of an inclination "cultural studies", and in the case of Weber the exclusivism of the Protestant ethics as cause of the capitalist spirit, can be considered as insufficient of the methodological and epistemology points of views. Already the approach of Sombart, besides considering other religious ethics, increases subjects as the profit desire, the company spirit and the bourgeois virtues.

Key-Words: Capitalism. History. Genesis.

¹ Economista, Especialista em História, Mestre em Economia, Doutorando em Ciência Política. Professor de História Econômica da UFPE. E-mail: glaudionorbarbosa@gmail.com - Endereço Postal: Rua Vicente Ribeiro de Barros, 137 - Afogados - Recife – PE CEP: 50850-400

1. Introdução

O objetivo principal desse artigo é discutir as origens do capitalismo numa perspectiva histórico-econômica. Dois enfoques são investigados: a visão de Max Weber e a de Werner Sombart. Pretende-se mostrar as especificidades desses enfoques, suas convergências e divergências, em uma abordagem crítica e utilizando-se o método comparativo.

Quanto à estruturação, o artigo compõe-se de cinco seções, incluindo essa introdução. A seção dois faz uma discussão sobre a visão weberiana, com ênfase na sua concepção de capitalismo enquanto espírito originado em uma ética protestante; na seção três discute-se a visão sombartiana, centrando-se nas preocupações mais gerais e abrangentes do autor; na seção quatro são discutidos alguns problemas ligados à visão de Weber; a seção cinco é a conclusão.

2. O enfoque de Max Weber

A construção da obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo* por Max Weber se deu no contexto de um conjunto de reflexões e trabalhos onde o autor investigou vários tipos de crenças religiosas, além do protestantismo, como o hinduísmo, o judaísmo e o confucionismo. Nestas análises, Weber apresenta uma tipologia de como as diferentes religiões orientam as pessoas no seu cotidiano, em geral, e em particular, nas práticas econômicas.

Pode-se dizer que o aspecto mais importante da abordagem weberiana (independentemente da robustez, aderência e aceitação epistemológica da mesma) é que ao estabelecer um relacionamento causal entre crenças religiosas e espírito empresarial, o autor promove um deslocamento de eixo do paradigma dominante, isto é, a concepção dos economistas clássicos e neoclássicos que argumentavam que a motivação que orientava os indivíduos nas suas atividades econômicas era a busca do lucro, e do paradigma alternativo, dos economistas marxistas que viam como objetivo dos capitalistas a Acumulação de Capital.

Se o empresário não é um maximizador de lucros, então, utilizando o jargão econômico, o que ele maximiza? De certa forma é esta pergunta que Weber tenta responder sem nunca formular. Antecipando discussões que serão feitas abaixo, é razoável afirmar que o empreendedor capitalista maximiza uma conduta religiosa de vida regrada e trabalho, que em primeiríssimo lugar serve a Deus.

A contribuição de Max Weber para a compreensão da gênese do capitalismo é de extrema importância, apesar de mesma traçar um desenho teórico basicamente sustentado em uma ótica religiosa, sem levar em consideração fatores econômicos, propriamente ditos. Para Weber, o sistema capitalista é fruto de um espírito capitalista, que depende de uma ética protestante. Uma crítica forte e recorrente ao trabalho de Weber é de que o mesmo é reducionista ao transformar as origens de um sistema social e econômico que mudou o mundo em uma questão puramente religiosa.

Weber parte do que considera duas constatações históricas. Em primeiro lugar, os ganhos econômicos de algumas cidades de todo o mundo haviam sido conquistados por monastérios. Isto sugere que há alguma relação entre o modo de vida praticado nas ordens monásticas, os níveis de atividade econômica exercido e a riqueza acumulada. Era visível, de acordo com o autor, que o ascetismo significava uma vida ordeira e com absoluta dedicação ao trabalho. O conjunto da população não compartilhava dessa vida ascética. Em segundo lugar, as diversas correntes protestantes na Inglaterra tinham se destacado em termos de resultados empresariais. Ou seja, a chegada da Reforma Protestante permitiu que um conjunto crescente de pessoas abraçasse a ética da ordem e do trabalho. Em resumo: aquilo que era um comportamento exclusivo de monges isolados do mundo tornou-se um comportamento de massa. É o que Weber denominou de “*ascetismo intramundano*”.

Assim, Weber vai argumentar que o fator determinante que desencadeou a ascensão do capitalismo foi a Reforma Protestante com sua racionalidade. Portanto para o autor o desenvolvimento da cultura moderna teve uma influência significativa do *ethos racional*, que seria uma conduta ética sistematizada, metodicamente racionalizada.

A ética protestante, a qual Weber refere-se, está associada à idéia de que o ganho de dinheiro não é de forma alguma condenável, pelo contrário deve ser considerado como o objetivo da vida do homem, porém o que deve ser condenado terminantemente é o gasto desnecessário, o fausto, a ostentação. Para Weber, o protestantismo leva as pessoas a buscarem uma vida mais regrada, de não-ostentação, com hábitos de poupança e disciplina. Sendo assim, as pessoas viveriam do trabalho e o trabalho faria parte da religião. Vale ressaltar que, nesse contexto, o empresário capitalista seria aquele que serve a empresa e distancia-se da despesa inútil, promovendo assim para si uma vida regrada. Portanto, se exalta não só o trabalho, mas também uma conduta metódica.

Para Weber a ascese devia ser entendida como um planejamento racional da vida, orientada pela vontade de Deus. Esta atitude ascética é uma exigência feita a todos que querem garantir sua salvação. Por outro lado, a racionalidade de conduta neste mundo com objetivo a um futuro extramundo terreno foi um resultado lógico da concepção de vocação, que o protestantismo ascético introduziu. A Reforma Protestante ao fechar atrás de si as portas do convento impregnava a vida cotidiana secular pelo seu método. Nas palavras do autor:

O ascetismo cristão, que inicialmente fugia do mundo para a solidão, já o tinha dominado a partir do mosteiro, e através da Igreja. Com isto, todavia, não alterava o caráter natural, espontâneo da vida cotidiana no século. Agora, ele adentrou-se no mercado da vida, fechou atrás de si a porta do mosteiro, tentou penetrar exatamente naquela rotina diária com a sua meticulosidade, e amoldá-la a uma vida racional, mas não deste mundo, nem para ele. (Weber, 1987, p. 109)

Quando Weber fala do espírito do capitalismo está se referindo as idéias que favorecem, de forma ética, ao ganho econômico, vale ressaltar que para ele tal espírito não é limitado à cultura ocidental, mas outras culturas não tinham podido por si só estabelecer a nova ordem econômica do capitalismo.

A ligação entre o protestantismo e o desenvolvimento do espírito comercial já havia sido observada antes por outros pensadores, como por exemplo, Montesquieu. Porém Weber utiliza dados históricos e através de uma análise histórico-comparativa entre as particularidades do protestantismo e do catolicismo ele extrai o campo argumentativo para, na sua concepção, comprovar que a burocracia religiosa atua como uma das principais determinantes na formação e na estruturação histórica do sistema capitalista.

Weber no tópico “O Espírito do Capitalismo” (p.29) resalta os mandamentos econômicos, sendo eles:

(a) “*Lembra-te que tempo é dinheiro*”. Assim, quem pode ganhar certa quantia diária trabalhando e fica divertindo-se, não deve contabilizar apenas as perdas resultantes dos gastos nas diversões, mas, também, aquelas originadas da ociosidade, do não-trabalho. Ou seja, desperdiçando-se tempo na realidade estava-se desperdiçando dinheiro, a maior parte do tempo deveria ser utilizado para o trabalho;

(b) “*Lembra-te de que o crédito é dinheiro*”. Quando alguém permite que seu dinheiro fique na posse de outrem, ele está concedendo juros. Ou seja, há um despertar para necessidade de se fazer bom uso do dinheiro, surgindo nesse contexto também à idéia dos juros;

(c) *“Lembra-te que o dinheiro é de natureza prolífera, procriativa”*. Na verdade o dinheiro se reproduz no giro, de modo que ao circular o dinheiro cria mais dinheiro da primeira vez e em uma proporção sempre crescente nas vezes seguintes. Ou seja, o dinheiro pode gerar dinheiro e seu produto pode gerar mais, e assim por diante;

(d) *“Lembra-te deste refrão: O bom pagador é dono da bolsa alheia”*. Quem paga pontualmente suas dívidas pode sempre conseguir novos empréstimos, inclusive valores mais altos do que os anteriores. A confiança é o elemento mais importante na relação com o dinheiro. Ou seja, refere-se à pontualidade no cumprimento do pagamento como característica importante.

Ele enfatiza esses mandamentos econômicos, afirmando que estes não são simples técnica de vida, mas sim uma ética particular, na qual a infração é tratada como um esquecimento do dever.

Outro aspecto importante da trajetória intelectual de Max Weber é que o mesmo foi considerado o anti-Marx, pois Weber situa na superestrutura da sociedade os elementos formadores do capitalismo, enquanto para Marx e os marxistas a superestrutura é em certa medida um reflexo da base econômica. Enquanto a maioria dos economistas argumenta que o capitalismo se desenvolveu com base em uma maior disponibilidade de capital e numa vontade dos empresários de maximizar lucros, Weber contra-argumenta que esses elementos sempre estiveram presentes. Assim, o florescimento do capitalismo dependeu das relações do homem com o trabalho.

Weber (2006) situa o nascimento de toda ética e das condições econômicas que resultam daquela, na sociedade tradicional, no que ele chamou de tradicionalismo. Há em qualquer sociedade um natural impulso aquisitivo. A questão que preocupa o autor é das condições em que esse impulso não degenera em formas negativas como conquista e extorsão, porém transforma-se em ação legítima, ponderada e racional, de maneira a criar uma racionalidade virtuosa, como aquela dos empreendedores capitalistas modernos.

Weber (2006) argumenta que existem dois comportamentos distintos com relação à questão aquisitiva. Um endógeno, isto é, voltado para dentro da comunidade e outro exógeno, ou seja, voltado para fora. A citação abaixo é longa, mas é indispensável:

Originalmente, há duas atitudes diferentes com relação à atividade aquisitiva que coexistem sem mediação: voltado para dentro, existe compromisso com a tradição, com uma relação piedosa com os consortes de tribo, estirpe ou família, excluindo o exercício desenfreado de atividades aquisitivas no interior do círculo daqueles que se sentem

unidos pelos vínculos de piedade: moral interna; e falta absoluta de freios para o impulso aquisitivo nas relações voltadas para fora, em que todo forasteiro é em princípio inimigo e perante o qual não há limites éticos: moral externa. Daí, a evolução parte do momento em que, por um lado, o comportamento calculista penetra no interior das associações tradicionais e lá corrói as antigas relações piedosas. Logo que, dentro de uma comunidade familiar, abre-se espaço para o cálculo, não se trabalhando mais de maneira estritamente comunista, acaba a piedade simples e ingênua e com ela a subordinação do impulso aquisitivo. Esse lado da evolução manifestou-se em particular no Ocidente. Ao mesmo tempo, ocorre uma moderação da procura desenfreada por lucro, no processo da integração do princípio aquisitivo da economia interna. (Weber, 2006, pp. 111-112).

Como já visto, o conceito de tradicionalismo é fundamental na obra weberiana. O autor coloca em discussão o que seria a visão e o comportamento do empresário tradicional, que já era capitalista, porém não possuía o espírito do capitalismo moderno.

A forma de organização (do antigo capitalismo) era, em todos os aspectos, capitalistas; a atividade do empreendedor era de caráter puramente comercial; o uso de capital, em giro, no negócio era indispensável; e finalmente, o aspecto objetivo do processo econômico, a contabilidade, era racional. Era, todavia, se se considerar o espírito que animava o empreendedor, um negócio de cunho tradicionalista: o modo de vida tradicional, a taxa tradicional de lucro, a quantidade tradicional do trabalho, a maneira tradicional de regular as relações com o trabalho, o círculo essencialmente tradicional de fregueses e a maneira de atrair novos. Tudo isso dominava a orientação do negócio, coloca-se, pode-se dizer, na base do ethos deste grupo de homens de negócio. (Weber, 1987, pp. 43-44, parênteses nossos).

O texto acima deixa evidente a visão que Weber tinha do empresário tradicional, ou seja, de que o mesmo não possuía uma relação de prazer com o trabalho, que não era capaz de dedicar sua própria vida aos negócios, simplesmente esperava que o negócio gerasse ganhos suficientes para que pudesse desfrutar de uma vida digna.

Finalmente Weber aponta também para os pontos decisivos que distinguem o espírito capitalista e pré-capitalista. O espírito pré-capitalista pode ser demonstrado pelos holandeses, no qual apesar de ser impulsionado a ganhar altas somas de dinheiro, não faziam uso de certos mecanismos racionais e mesmo assim enriqueceram-se. Sendo isto, portanto, para Weber o que explica a breve hegemonia econômica holandesa num determinado período da história ocidental. Contrapondo-se ao espírito pré-capitalista ele destaca o espírito do capitalismo que exige não somente o acúmulo de dinheiro, mas acima disso que os próprios indivíduos sejam inclinados aos negócios, através da utilização racional do capital, ou seja, trabalhadores conscientizados a produzir cada vez mais para assim melhorar de vida, em detrimento à concepção de vida que se traduz em trabalhar para ganhar o suficiente para viver.

Do ponto de vista dos valores, o empresário weberiano é profundamente ético. Segundo o autor era impossível o capitalismo ter se desenvolvido sem qualidades éticas claramente definidas e regularmente implementadas na rotina dos negócios. Só agindo eticamente os capitalistas podiam garantir a confiança dos clientes e trabalhadores. O elogio dos capitalistas atinge seu clímax no texto abaixo:

E, da mesma forma, não foram ousados e inescrupulosos especuladores, aventureiros econômicos como encontramos em todos os períodos da história econômica, mas simplesmente ‘grandes financistas’ que realizaram esta mudança, aparentemente tão inconspícua, e, no entanto tão decisiva na penetração do novo espírito na vida econômica. Foram, pelo contrário, homens que se educaram na dura escola da vida, calculando e arriscando ao mesmo tempo, sóbrios e dignos de confiança, acima de tudo sagazes e completamente devotados a seus negócios, com opiniões e ‘princípios’ estritamente burgueses. (Weber, 1987, p. 45).

É claro que com as qualidades generosamente conferidas por Weber ao novo empresariado, o desenvolvimento do capitalismo não podia nem precisava depender de uma maior disponibilidade de recursos, nem dos cercamentos dos campos, nem do comércio colonial, e sim daquelas fabulosas qualidades.

Um aspecto importante da concepção de Weber é que ele mostrou que o Protestantismo, mais precisamente na ramificação Calvinista, trazia enraizada uma doutrina da predestinação, no qual os homens estariam predestinados e teriam que salvar sua alma, porém isto somente seria possível através do trabalho, para essa ética protestante o enriquecimento era um reflexo da servidão a Deus, porém, como já foi dito anteriormente, esse enriquecimento deveria estar dentro dos preceitos de uma “vida regrada”, favorecendo assim o comportamento econômico racional. O Calvinismo também foi responsável por incutir no seio social que a idéia de que as habilidades humanas deveriam ser percebidas como dádiva divina e por isso deveriam ser incentivadas. A inter-relação destas observações permite que Weber conclua que foi o protestantismo de decisiva e fundamental importância para gerar a acumulação e, posteriormente, o capitalismo.

A questão poderia ser resumida da seguinte maneira: os recursos da criação de Deus foram colocados à disposição dos homens, e estes são livres na utilização que fazem dos mesmos, contudo, eles deveriam responder fazendo um uso eficiente e sincero, utilizando todas as suas forças no que deveria ser encarado como um serviço a Deus. Todas as racionalidades, em particular a racionalidade do trabalho e da ordem, tinham um único objetivo, a saber, servir ao Criador.

3. O enfoque de Werner Sombart

Pode-se considerar que a obra de Werner Sombart possui grandes méritos. Em primeiro lugar é um importante contraponto ao economicismo dos economistas clássicos, em particular aos conceitos trans-históricos smithianos do homem possuidor de uma tendência nata para realizar trocas e do automatismo da “mão invisível”. Em segundo lugar a abordagem sombartiana representa uma crítica a alguns aspectos importantes da obra de Max Weber.

Segundo James (1998), o ponto de partida do trabalho de Sombart sobre o capitalismo foi a obra de Marx. Entretanto, diferentemente deste último autor que caracterizou o capitalismo pela dominação exercida pelos capitalistas sobre os trabalhadores, Sombart explica a formação e a evolução deste sistema econômico pela busca ilimitada de lucros.

Na verdade Sombart, como Weber estava bastante interessado nas motivações não econômicas que pudessem explicar a gênese do capitalismo. Assim, Sombart introduz o conceito de transformação moral justificada pelo espírito da reforma protestante e pela influência dos judeus.

Para él, el capitalismo comenzó más o menos em el siglo XVI, debido sobre todo a la transformación moral que se produjo entonces. Mientras que en la Edad Media los artesanos habían trabajado principalmente para asegurar la subsistencia de los suyos, o para servir, o para asegurar su suerte, em todo caso sin espíritu de conquista, en el siglo XVI la búsqueda ilimitada de ganancias se vio justificada por la Reforma y se convirtió em el móvil general de actividad, bajo la influencia de los judios. (James, 1998, pp. 42-43).

Apesar de Sombart não esconder sua admiração pelos grandes capitalistas industriais, chegando mesmo a fazer um autêntico elogio ao empresário, ele não deixou, antes considerou um dever, denunciar os absurdos do sistema capitalista. Estas deformações são essencialmente de natureza moral: um desejo repugnante de enriquecimento material, falta de escrúpulos dos grandes empresários e um conhecimento superficial e utilitário.

Por outro lado, Sombart não estava particularmente interessado no fenômeno da exploração sobre os trabalhadores e chegou a argumentar que os baixíssimos salários do começo do capitalismo deviam ser explicados pela incompetência e pela pouca produtividade dos antigos camponeses arrancados da agricultura para a indústria.

Quanto ao futuro do capitalismo, Sombart argumentava que em sua forma envelhecida e decadente, o mesmo seria mais sensível às reivindicações das massas, porém sofreria uma substancial perda de dinamismo. Assim, haveria uma marcha para a socialização da economia, contudo numa forma muito diferente da defendida pelos socialistas marxistas, ou seja:

A la ‘socialización de las pérdidas’ vendría a añadirse una ‘socialización de los beneficios’, es decir, una intervención de las ganancias por el Estado, pero de un Estado que no sería necesariamente proletario. Sobre todo, creía que las tendencias a la racionalización llevarían a una economía planificada, organizada primero em grandes cárteles, pero siendo éstos cada vez más controlados por el Estado, hasta el día em que las autoridades públicas pudieran pasarse sin ellos para realizar por si mismas sus propios planes de producción. (James, 1998, p. 44).

De modo semelhante a Weber, Sombart pretendia decifrar qual era o espírito do capitalismo, mas se diferenciava daquele autor na medida em que se interessava pela inter-relação das formas de organização econômica com os correspondentes fatores sociais, culturais e políticas.

No centro da abordagem sombartiana do espírito capitalista está a figura do empresário. Este é a força motriz mais importante do capitalismo. Ou seja, para se entender a essência da economia capitalista é preciso conhecer a posição estratégica e o papel do empresário. O mesmo combina capital e trabalho, determina a direção e o volume da produção, especifica uma relação ideal entre produção e consumo. Nas palavras do próprio Sombart:

La ‘fuerza impulsora’ em la economía capitalista moderna es, por tanto, el empresario capitalista y solo él. Sin él no se hace nada. Éles, por consiguiente, la única fuerza ‘productora’, o se ala fuerza realizadora, creadora, como se deduce inmediatamente de us funciones. Todos los restantes factores de producción, trabajo y capital, se encuentran em una relación de dependência frente a él, adquieren vida por su acción creadora. También todos los inventos técnicos llegan a realizarse gracias a él. (Sombart, 1984, p. 29).

Aqui entra uma oposição importante entre a concepção de funcionamento do capitalismo do autor e aquela dos economistas clássicos. Concepção que é retomada e reformulada por Schumpeter (1988). Ou seja, o empresário sombartiano é um agente ativo, que decide e imprime rumos, e não um sujeito histórico passivo, que atua automaticamente, seguindo e sendo levado pelas forças de mercado. Seu ativismo é tão essencial que sem ele não faz sentido falar de mercado capitalista, dado que o mesmo tem papel na própria demanda (de bens de consumo e de

fatores de produção) e de maneira indireta na demanda dos consumidores. Por outro lado, é o empresário que cria a oferta de bens e serviços, com sua capacidade de inovação e sua compreensão das necessidades do mercado. Insiste-se na antecipação de algumas teses sobre o papel inovador e dinâmico que ganharia *status* de paradigma na obra fundamental de Schumpeter (1988).

Sombart (1993) discute quais são os componentes do espírito capitalista que estão presentes na mentalidade dos empresários. São quatro as características do agente empreendedor:

(a) **Desejo de lucro:** é o desejo de todo empresário para enriquecer. Sombart denomina essa vontade como “*a paixão por ouro e dinheiro*”. Segundo o autor, pode-se afirmar que este desejo sempre existiu, o que tornaria o capitalismo trans-histórico, o que não é intenção de Sombart. Portanto, ele complementa argumentando que o que mudou na fase capitalista em relação aos períodos anteriores é a forma de saciar aquele desejo. Nas épocas pré-capitalistas, o enriquecimento era obtido pela força, pela violência extremada ou pela magia, enquanto que no capitalismo, o mesmo é conseguido por meio do “engenho”, da técnica, da habilidade posta em prática pelo empresário na atividade produtiva. Inferir um desejo de lucro em épocas distantes do capitalismo parece ser um equívoco, o que não impediria o autor, em determinados contextos históricos, de falar na prática da rapina e do roubo de povos mais fortes sobre povos mais fracos, entrando nesta análise o instituto da tributação sobre os vencidos. Também não há problema de se falar no desejo de enriquecer de alguns segmentos dominantes de certas sociedades, afinal “Reis” de povos relativamente pobres se cobriam de ouro. Contudo, Sombart está discutindo o que ele mesmo denominou de “desejo de lucro”;

(b) **O espírito de empresa:** é o conjunto de todas as características psíquicas que são necessárias para a execução eficiente dos objetivos de uma empresa, a saber, a de conquistador (capacidade de planejamento, vontade de ação, tenacidade e perseverança), a de organizador (capacidade de organizar pessoas e coisas de maneira adequada para que se obtenha sem restrições o efeito almejado), e de negociador (capacidade de dialogar com muitas pessoas no intuito de fazê-las aceitar uma determinada proposta);

(c) **As virtudes burguesas:** são divididas em dois conjuntos. Um primeiro chamado por Sombart de “*santa economicidade*”, o que inclui a racionalização da administração dos negócios, que tem como padrão uma relação cautelosa entre receitas e despesas, a economia da administração (gastar menos do que se ganha, ou seja, poupar), a economia das energias

(aproveitamento preciso do tempo) e diligência (conhecimento adequado da atividade do seu ramo de negócios). O segundo grupo de virtudes burguesas é denominado de “*moral dos negócios*”, que também se pode chamar de formalidade comercial (confiança no cumprimento das promessas, efetividade e eficácia dos serviços e pontualidade). Entretanto, a moral de negócios pode, também, ser estendida à necessidade de tirar todas as vantagens possíveis da atividade mercantil, competindo por meios que sejam considerados legítimos, como redução de preços e publicidade;

(d) **A mentalidade calculadora** que é a aceitação e preparação para o cálculo comercial e para a contabilidade. Assim, Sombart mostra que esta mentalidade surge primeiramente em Florença nos séculos XIV e XV, o berço do capitalismo, onde, pela primeira vez, os empresários começaram a desenvolver estas técnicas de comércio. Nos séculos XVIII e XIX, é na Inglaterra e na Holanda onde de forma mais efetiva, estas técnicas evoluem, pois são países onde a atividade empresarial ganha maior impulso.

Segundo Sombart (1993) é possível distinguir o “empresário moderno” do “empresário de velho estilo”. Este último é próprio do “capitalismo duro”² que ocorre entre a alta Idade Média e o começo da Revolução Industrial, ou seja, do século XIV até o século XVIII. É o capitalismo que surge no norte da Itália, principalmente em Florença e outras cidades comerciais italianas e que se estende ao norte da Europa. O período que tem início com a Revolução Industrial compreende o “capitalismo moderno”, e é resultado do “empresário moderno”.

De acordo com Sombart (1993), o caráter do empresário de velho estilo é de considerar seu negócio como um mero meio de vida, ou seja, são os interesses vitais que decidem sobre o caminho e a medida de suas atividades. Assim, esse tipo de empresário utiliza a empresa para ter uma vida mais cômoda. Não significa dizer que o mesmo não possua o espírito capitalista e suas características. Entretanto, estas características apresentam algumas particularidades, tais como:

(a) no que diz respeito ao desejo de lucro, este empresário aspirava pela riqueza, porém somente para criar ou conservar valores vitais;

(b) em relação aos negócios dentro do conjunto de interesses de sua vida, não se tratava de um empresário que buscasse aproveitar o máximo de tempo no trabalho. Ao contrário, o mesmo levava uma vida moderada, dedicando muito tempo ao não-trabalho. Dividia seu dia em

² Muitos autores preferem chamar aquela fase capitalista de capitalismo comercial ou capitalismo mercantil e de situá-lo até o século XVII. Outros não reconhecem a existência de tal capitalismo.

aproximadamente seis horas para a administração da empresa, sete para o sono, e o resto do tempo dedicava à leitura, à vida social e às orações;

(c) seu comportamento frente à concorrência e aos clientes era de absoluta tranquilidade e até de complacência. Não havia disputa por clientes. Eram vedadas as práticas para aumentar a concorrência através de propaganda ou redução de preços;

(d) sua postura em relação à técnica era positiva, na medida em que levasse ao progresso. Contudo, esse progresso só era desejado quando não conflitava com certos valores, principalmente quando não ameaçava a “felicidade humana”, em particular quando não fosse destruidora de empregos.

É interessante como Sombart apresenta o empresário de velho estilo como um agente social com características bastante diferentes do empresário que busca o lucro de todas as formas. O próprio autor entra em contradição, quando antes havia definido o lucro como central no espírito capitalista.

Sobre o empresário moderno, Sombart argumenta que este possui os elementos caracterizadores do espírito capitalista de forma mais marcante e mais definida. Este empresário não utiliza o negócio como um simples meio de vida, mas como tendo um fim em si mesmo. Assim:

(a) os desejos do empresário moderno já não são de caráter vital. A lógica agora é de maximizar os lucros e tornar máxima a prosperidade da empresa;

(b) para o empresário moderno a função de negociante adquire maior importância. Na verdade suas atividades se tornam mais e mais complexas, e todo seu tempo é agora dedicado ao trabalho;

(c) com relação ao comportamento nos negócios fundamenta-se nos seguintes princípios: racionalização total (planejamento e cálculo). É fundamental obter lucros independentemente do fator qualidade, há permissão para atrair clientes da concorrência através de propaganda, redução de preços e outras medidas;

(d) no que diz respeito às virtudes burguesas, adquire importância a obtenção de poupança dentro da empresa. A poupança é fundamental para o investimento em novos projetos de ampliação dos negócios. Diferentemente do empresário de velho estilo que levava uma vida austera e reservada, o empresário moderno prefere o luxo.

A grande preocupação de Sombart é de aprofundar a pesquisa sobre as fontes ou fatores explicativos do surgimento do espírito capitalista. Assim, o autor relaciona e discute três grupos de fatores que determinam aquele espírito:

(a) quanto aos fundamentos biológicos, Sombart argumenta que nem todos os povos possuem as qualidades requeridas para impulsionar o desenvolvimento capitalista. Apesar de muitas qualidades serem aprendidas, existem qualidades essenciais ao progresso empresarial que não podem ser aprendidas. A natureza da atividade empresarial requer forças vitais, perspicácia e engenhosidade que não estão distribuídas uniformemente, ou seja, as qualidades empreendedoras não possuem uma distribuição normal. Aqui o autor escorrega para o campo minado do “biologismo” que pode terminar em racismo social. Isto é, existem povos superiores capazes de empreender o desenvolvimento capitalista, e outros, povos inferiores, que não possuem essas qualidades;

(b) com respeito às forças morais, Sombart faz referência a duas:

(b1) a filosofia, isto é, parte significativa das virtudes burguesas e as normas de funcionamento desta economia têm como ponto de partida as idéias utilitaristas, cuja fonte é os filósofos da antiguidade. São idéias que conduzem a uma racionalização absoluta e a uma conduta vital econômica que levam a produção de utilidades como meio para levar uma vida virtuosa;

(b2) quanto à religião, Sombart argumenta que é indiscutível que a ética religiosa exerceu uma influência muito poderosa sobre o espírito capitalista. Contudo, o autor não é partidário de nenhum exclusivismo religioso. Afirmando que na época do capitalismo comercial – capitalismo duro, na conceituação sombartiana –, desde o século XIV no norte italiano, a religião católica desenvolveu importante papel ao submeter a vida econômica e social a suas normas de conduta. No capitalismo moderno, com a Revolução Industrial, a religião protestante, principalmente na forma puritana, teve o mesmo papel, apenas com maior rigor. Entretanto, continua Sombart, apesar da influência decisiva do catolicismo e do protestantismo sobre aqueles povos, foi o judaísmo, e conseqüentemente o povo judeu que primeiro absorveram o espírito capitalista. Observando-se as normas judaicas percebe-se que nas mesmas não há em tempo histórico algum, o ideal ascético da pobreza. Os judeus sempre foram grandes comerciantes e financistas, e não tinham nenhuma restrição a emprestar dinheiro a estrangeiros, nem de “capturar” clientes através da redução de preços e da propaganda.

(c) quanto às causas sociais como motivadoras do espírito capitalista, Sombart destaca que o Estado sempre desempenhou um papel fundamental ao estimular aquele espírito, por meio da política econômica, práticas protecionistas, políticas de privilégios e sistema educacional (básico, técnico e universitário). As migrações, também tiveram um papel importante, na medida em que as pessoas que emigram na maioria dos casos estão fugindo de perseguições religiosas e políticas ou de situações econômicas insustentáveis. Quando essas pessoas chegam ao país de destino concentram toda energia física e psíquica em busca de ascensão social, muitas vezes abrindo e dirigindo novos negócios. Segundo Sombart, o aumento nas reservas monetárias, ao acentuar a monetização das economias desenvolveu o espírito capitalista. As inovações técnicas são outro fator de importância. Uma profissão desempenhou um papel essencial nas origens do capitalismo e de seu espírito, a saber, o comércio.

4. Alguns problemas do enfoque de Max Weber

Observando a concepção de Max Weber com relação às origens do capitalismo, é possível perceber a sua capacidade de vincular economia e história cultural. Pode-se dizer que este vínculo foi particularmente acalentado na Alemanha desde Werner Sombart e Max Weber. Porém não há dúvidas que Weber não trata, de fato, de um capitalismo conjugado culturalmente no plural ao estabelecer as relações entre as culturas definidas religiosamente e o capitalismo.

Como já foi esclarecido anteriormente, Weber chegou à conclusão de que a ideologia religiosa do protestantismo era a única transição adequada a uma mentalidade capitalista, deixando, portanto, de lado alguns fatores econômicos de fundamental importância para compreensão da motivação econômica e considerando, com notável exclusividade, explicações religiosas. Esta sua idéia representa a base fundamental, na qual se torna possível observar os equívocos que norteiam a linha de raciocínio weberiana.

A princípio, faz-se necessário citar três realidades que contradizem severamente a tese weberiana:

(a) A visão de Weber de que o protestantismo era a via de transição adequada para o capitalismo não possui funcionalidade alguma em determinadas regiões de tradição católica.

Podem-se citar como exemplos, a Bélgica, Veneza, a Colônia Católica da Escócia, onde se obteve sucesso econômico significativo, e superior a algumas cidades Calvinistas;

(b) O fato da Genebra de Calvino não ser desenvolvida. Na realidade as atividades econômicas nessa região são severamente reguladas e o empréstimo a juros submetido ao princípio Aristotélico do “preço justo”;

(c) Contrapondo-se a Colônia Católica da Escócia, na Escócia Presbiteriana, tanto a ética puritana não desencadeou o desenvolvimento econômico, como não era valorizada a modernização econômica.

Weber propõe a existência de uma relação de causalidade entre as origens do capitalismo moderno, o processo de racionalização do mundo e as religiões de salvação, mais especificadamente o protestantismo.

(...) o racionalismo econômico, embora dependa parcialmente da técnica e do direito racional, é ao mesmo tempo determinado pela capacidade e disposição dos homens em adotar certos tipos de conduta racional. (...) Ora, as forças mágicas e religiosas, e os ideais éticos de dever deles decorrentes, sempre estiveram no passado entre os mais importantes elementos formativos da conduta. (Weber, 1982, p.11).

Em “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*”, Weber destaca a importância da Reforma Protestante, fundamentalmente em sua versão calvinista, para cristalizar um comportamento tipicamente capitalista. Concepção esta que pode ser considerada um tanto equivocada, uma vez que analisado o contexto histórico torna-se possível observar um expressivo desenvolvimento econômico protagonizado por não protestantes, como é o caso, por exemplo, dos Judeus. Faz-se necessário destacar que Werner Sombart no seu livro “*El Burguês*” (1993) realça as primeiras críticas a Weber em relação ao caso dos Judeus, como exemplo claro de desenvolvimento desempenhado por empresários não protestantes.

Ainda no seu livro “*El Burguês*” (1993), Sombart destaca que mesmo antes da reforma protestante já existiam algumas regiões de desenvolvimento econômico e algumas estruturas empresariais complexas e modernas. Contrapondo-se, assim, a idéia weberiana de que a modernização econômica representou a consequência de uma alteração de mentalidades e da criação de um espírito capitalista fundamentado na ética protestante. Portanto, torna-se mais

coerente falar que a modernização econômica, na realidade, foi o resultado de um processo evolutivo.

Outro aspecto importante da tese de Weber está relacionado ao que seria uma escassa compatibilidade capitalista do confucionismo e do budismo. Porém, nesse sentido histórico mostra-se mais um equívoco das idéias weberianas, pois esta escassa compatibilidade capitalista do confucionismo, assim como do budismo e de toda mentalidade asiática, não possui comprovação histórica, uma vez que na atualidade regiões como a China, o Japão e a Coreia do Sul aparentemente criam um capitalismo que se afasta da versão ocidental (européia e baseada no protestantismo), ou seja, essas regiões fundamentam-se em tradições culturais próprias, e mesmo assim possuem extraordinário sucesso econômico.

Faz-se necessário ressaltar também a concepção de Weber da idéia de empresário. Para ele o empresário teria a função de impulsionar o capitalismo, levando em consideração suas ambições, e dedicar-se ao trabalho e, por outro lado, também influenciar para que o comportamento dos indivíduos fosse baseado na ética protestante. Neste sentido, Weber focaliza seu ponto central fundamentando-se exclusivamente em fatores religiosos para compreensão do comportamento do empresário, o que mais tarde foi possível de ser identificado como um grande equívoco, uma vez que, diante da complexidade da figura do empresário, é extremamente importante um enfoque mais amplo incluindo outros fatores, que não apenas os religiosos.

Até aqui vários equívocos foram encontrados nas idéias de Weber. Contudo, parece essencial discutir as teses de Christopher Hill (1992; 2002 e 2003). Em primeiro lugar, Hill (2003) argumenta que a Bíblia teve um papel decisivo na vida e na sociedade inglesa, de forma que seria tolice ignorá-la. Narrando um diálogo entre o historiador econômico inglês, Jack Fischer e um aluno que insistia em receber uma lista de livros que o permitisse compreender a Inglaterra dos séculos XVI e XVII, Fischer encerra o assunto dizendo “Se você realmente deseja compreender este período vá para casa e leia a Bíblia” (Hill, 2003, p. 24). Entretanto, a leitura que o próprio Hill faz da Bíblia é totalmente diferente daquela de Weber, quando argumenta que não é a ética puritana que permite o desenvolvimento do espírito do capitalismo e sim a conjuntura econômica e a identificação da resolução da crise econômica com o trabalho. Em outra obra fundamental Hill (1992, p. 305-308) demonstra que esse esforço pela racionalização, modernização, sistematização e codificação do Direito, tem por objetivo "sua (do Direito) adaptação às necessidades da nova sociedade comercial, para eliminar o que havia de obsoleto e

definir as relações entre os tribunais prerrogativos, tribunais eclesiásticos e tribunais da *common law*, já havia se iniciado, em fins do século XVI, com os *Law Reports e Institutes*”.

Até o aparecimento dos trabalhos de Christopher Hill, havia três abordagens principais sobre as profundas mudanças ocorridas na Inglaterra no século XVII: o triunfo da ética protestante (tese weberiana); a ascensão da burguesia (tese marxista ortodoxa) e a revolução inglesa enquanto “Revolução Gloriosa” (tese liberal). Hill parte do argumento de que houve não uma, mas duas revoluções em curso. A primeira (que defendia os interesses da burguesia) acabou prevalecendo no conjunto da sociedade inglesa, e assim determinou os rumos dessa revolução a partir do triunfo da ética protestante, a ideologia da classe proprietária. E nesse processo de compreensão da revolução inglesa que Hill resgata a importância de grupos desconhecidos que com o colapso da censura (1641), em plena Revolução, puderam divulgar suas idéias libertárias, em linguagem religiosa. Discutindo Deus e a salvação eterna, esses grupos tentaram remodelar o mundo. Os *levellers* ("niveladores"); Os *diggers* (cavadores), também conhecidos *true levellers* ou "niveladores autênticos"; os *quacres* (tremiam ante Deus, mas não frente aos homens); e os *ranters* ("faladores"). Toda essa forte atividade intelectual, liberada pelo ambiente revolucionário, esteve ligada à vontade de pôr o mundo de ponta-cabeça, de mudar o existente. Seus protagonistas foram aqueles grupos de pobres que faziam sua própria leitura da Bíblia protestante. Grupos que pensaram e sentiram a utopia numa sociedade em que acabaria prevalecendo o "bom senso" e a preocupação burguesa com a ordem. Entretanto a história poderia ter seguido outro curso, poderia ter-se estabelecido a propriedade comunal e uma democracia mais ampla, a queda da Igreja estatal e a rejeição da ética protestante. Ou seja, a ética protestante venceu porque conseguiu funcionar como ideologia legitimadora da burguesia em ascensão.

Uma questão levantada e fortemente discutida é que, como já foi citado anteriormente, Weber possuía uma concepção particular do capitalismo ligada aos processos racionais e burocráticos. Para Weber a construção da ética protestante desempenhou papel fundamental na construção de um comportamento racional e racionalizador das condutas dos indivíduos.

Uma economia racional é uma organização funcional orientada para os preços monetários que se originam nas lutas de interesses dos homens no mercado. (...) Quanto mais o mundo da economia capitalista moderna segue suas próprias leis imanentes, tanto menos acessível é a qualquer

relação imaginável com uma ética religiosa de fraternidade. Quanto mais racional, e, portanto impessoal, se torna o capitalismo, tanto mais ocorre isso. (Weber, 1982, p.379-380).

Porém a ciência econômica confirma que a essência do capitalismo atinge horizontes além da “ética de trabalho”. Weber não considera na sua análise o espírito de iniciativa e de risco, quando estes na realidade compõem de forma significativa a essência do capitalismo.

Podemos concluir que, para Weber, dentre todas as éticas das religiões mundiais, a ética protestante revelou-se a mais fundamental para formação e consolidação do tipo de racionalidade preponderante nas sociedades modernas ocidentais, conseqüentemente gerando uma associação causal entre ética puritana e espírito do capitalismo. Associação esta que, diante do que foi visto, pode ser considerada sem sombra de dúvidas um equívoco. Deparamos-nos, portanto, com uma possível deturpação deste nexos causal, uma vez que é controversa se a específica religiosidade protestante originou o capitalismo, ou se antes o capitalismo nascente aproveitou-se da ideologia protestante e talhou-a segundo sua própria imagem mundana. Colocado de outra forma: será que o protestantismo criou o capitalismo ou ocorreu o contrário?

5. Conclusão

Apesar de considerar importante a contribuição de Max Weber para explicar a gênese do capitalismo, a mesma é problemática, na medida em que é fortemente centrada em uma ótica religiosa. Assim, não se levam em consideração outros fatores importantes. Como eixo epistemológico, o capitalismo é visto como resultado de um espírito capitalista que depende de uma ética protestante.

Ambos os autores admiram os capitalistas enquanto agentes de transformações econômicas, políticas e sociais. Entretanto, Sombart não se recusou a denunciar alguns abusos desse sistema.

Precisa-se destacar que enquanto Weber credita ao empresário capitalista uma ética de trabalho que serve a Deus, Sombart busca explicar a formação e evolução do capitalismo pela busca ilimitada e incessante de lucros. De maneira idêntica a Weber, Sombart buscava entender o espírito do capitalismo, mas diferentemente daquele autor ele estava interessado na inter-relação das formas de organização econômica com os fatores políticos, sociais e culturais.

Não há um exclusivismo religioso na obra de Sombart, pois o mesmo argumenta que as origens do capitalismo comercial ou mercantil associam-se fortemente às cidades de tradição católica. Aliás, Sombart mostra o papel ativo que teve a Igreja Católica na formação do sistema bancário e que nas recomendações de Tomás de Aquino, desaparece a oposição entre riqueza e pobreza, sendo considerado como pecado apenas o uso indevido da riqueza. Por outro lado, Sombart admite que no capitalismo industrial há uma influência decisiva do protestantismo. Contudo, para este autor, foi o judaísmo que em primeira mão desenvolveu o espírito capitalista. Assim, as normas judaicas nunca defenderam nenhum ideal ascético de pobreza. Os judeus sempre foram excelentes comerciantes e financistas. Não colocavam restrições de tipo algum aos empréstimos de dinheiro a estrangeiros. E sempre fizeram uso generalizado das práticas de redução de preços e de propaganda para conquistar clientes alheios.

No que diz respeito ao possível futuro do capitalismo, a posição de Sombart era de que com o passar do tempo, o mesmo ficaria mais receptivo às demandas dos trabalhadores, ao mesmo tempo em que perderia dinamismo econômico. Dessa maneira, caminharia para uma progressiva socialização, porém numa forma diferente daquela proposta pelos marxistas.

Referências bibliográficas

- HILL, Christopher. **Origens intelectuais da Revolução Inglesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HILL, Christopher. **O mundo de ponta-cabeça: idéias radicais durante a Revolução inglesa de 1640**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HILL, Christopher. **A Bíblia inglesa e as revoluções XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- JAMES, Èmile. **Historia del pensamiento econômico em siglo XX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- SCHUMPETER, Joseph. **Teoria do Desenvolvimento Econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Economistas).
- SOMBART, Werner. **El Apogeo del Capitalismo**. (dois volumes). México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

SOMBART, Werner. **El Burguês**. Madrid: Alianza, 1993.

SOMBART, Werner. **Lujo y capitalismo**. Madrid: Alianza, 1979.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1987.

WEBER, Max. **A gênese do capitalismo moderno**. (Organização, apresentação e comentários de Jesse de Souza). São Paulo: Ática, 2006.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

WEBER, Max. **Historia económica general**. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.